

RUDOLF STEINER

Berlim, 21 de novembro de 1911.

Quarta Conferência

Avançamos em um capítulo difícil de nossa cosmovisão até chegar a ver o espiritual por trás de alguns fenômenos do mundo sensorial. Inicialmente se percebe muito pouco o espiritual no exterior e, não obstante, do mesmo modo particular como em nossa própria vida anímica, isso vive por trás de tais fenômenos que assim ocultam a atividade, particularidades e propriedades espirituais. O que, na vida comum, aparece por exemplo, como qualidade calórica, como calor ou fogo, nos foi revelado como a expressão do sacrifício. No que se nos apresenta como ar e que, pelo menos para o nosso modo habitual de ver as coisas, não deixa entrever tampouco sua condição espiritual, descobrimos as virtudes doadoras de seres cósmicos determinados e, na água, reconhecemos o que se pode denominar resignação, renúncia.

Paralelamente observamos que as cosmovisões antigas, sempre vislumbraram e reconheceram o espiritual no físico exterior, prova disso é a palavra "espírito" como qualificação de certo tipo de substância especialmente volátil e o adjetivo "espiritual, espirituoso" empregado atualmente. No mundo exterior pode ocorrer que se relacione ainda muito pouco essas palavras com o espiritual, o supra-sensível. Foi assim que – como alguns de vocês sabem – houve uma vez uma carta dirigida à Associação de Espíritas de Munique e, por desconhecimento do que é uma associação de espíritas a carta foi entregue ao presidente da Federação Central dos Comerciantes de Bebidas Alcoólicas (espirituosas).

Hoje, quando estudarmos a transição tão significativa que ocorreu na evolução do planeta Terra, quando esse passou do Antigo Sol à Antiga Lua, teremos que considerar outra classe de desenvolvimento do espiritual, para o qual, partimos do que na conferência passada reconhecemos como renúncia. Constitui a essência dessa renúncia o fato de que entidades espiritualmente elevadas recusaram-se a receber o sacrifício que, de acordo com o que vimos é, fundamentalmente, o sacrifício da vontade ou substância volitiva. Ao representarmos que certas entidades querem oferecer a substância volitiva e que a renúncia de entidades superiores faz com que essa vontade não seja recebida, compreendemos facilmente que aquela substância, no fundo destinada a ser oferecida a seres mais elevados, não tem outra saída não ser permanecer dentro das respectivas entidades que querem, mas não podem sacrificar. Dentro do contexto cósmico resulta assim, que existem entidades dispostas a consumir seu sacrifício, quer dizer, dispostas de alguma forma a entregar com fervor o que jaz em seu interior, mas sem poder fazê-lo e, portanto, sem outra possibilidade a não ser retê-lo dentro de si mesmas. Dito de outro modo; pela não aceitação do sacrifício nega-se a essas

entidades certa relação com outras entidades superiores que teria ocorrido no caso de que lhes tivesse sido permitido realizar o sacrifício.

De uma forma personificada gostaria de dizer, de uma forma universal histórica simbólica, ainda que intensificada, se nos apresenta o fato que observamos a figura de Caim frente a Abel. Também Caim quer elevar o sacrifício até seu Deus. Mas seu sacrifício não é visto com agrado e Deus não o aceita. Ao sacrifício de Abel sim, o aceita. Nesse caso, nos importa a experiência interior que pode originar-se de Caim como consequência de ver seu sacrifício recusado. Se queremos nos elevar à altura de compreender o que justamente se trata, não devemos, em absoluto, arrastar conceitos de significação restrita à vida comum até as regiões às quais nos referimos aqui. Seria equivocado falar de culpa ou injustiça como causa para a recusa do sacrifício. Nessas regiões ainda não há nem o que pensar em culpa ou expiação no sentido de nossa vida atual cotidiana. Ou melhor, temos de considerar essa ação como uma renúncia, uma resignação por parte das entidades superiores que recusam o sacrifício. Não há nada de culpa ou omissão no que caracterizamos como disposição anímica na conferência anterior. Pelo contrário, ela encerra toda a grandeza, todo o significativo que pode ser inerente a uma renúncia, a uma resignação. Não obstante há de se fazer constar que as outras entidades dispostas a entregar seu sacrifício criaram, dentro de si, um ânimo que insinua algo como um antagonismo incipiente, apenas perceptível contra os seres que recusam o sacrifício. Em relação ao relato de Caim, que se refere ao mesmo fato em uma época posterior, esse ânimo tem um caráter mais intensificado. É que a disposição anímica de Caim não é igual à das entidades que passam do Antigo Sol a Antiga Lua, pois no caso dessas se trata de outra dimensão. Somente chegamos a conhecer a disposição de ânimo que começa a reinar ali, esquadrinhando novamente em nossa própria alma – como fizemos nas conferências passadas – para buscar nela uma sensação análoga. Para encontrar ali, as condições que insinuem a natureza da disposição de ânimo que deve ter surgido naquelas entidades, cujo sacrifício foi recusado.

Essa sensação – e com isso nos aproximamos mais e mais da vida humana terrestre –, olhando-a bem, é conhecida por cada alma em sua incerteza e, igualmente, em sua forma martirizante e pertence plenamente ao tema que se abordará na próxima quinta feira na conferência pública sobre "As profundidades ocultas da vida anímica". Essa sensação cuja, existência percebe cada alma no mais fundo de si mesmo, emerge de vez em quando à superfície da vida anímica e então quando, talvez, seja menos angustiante. Mas nós, os homens, vivemos freqüentemente com essa sensação sem ter pleno consciência dela e, no entanto, ela está em nós. Gostaria de recordar as palavras poéticas para destacar o vagamente angustiante, matizado de dor que a caracteriza; *"Tão somente quem conhece o anseio, sabe o que sofre"*. Se refere à ânsia como disposição de ânimo. O anseio tal como vive nas almas dos homens não somente quando desejam isso ou aquilo.

Para compreender à partir de dentro o que ocorreu espiritualmente durante as fases evolutivas do Antigo Saturno e do Antigo Sol foi indispensável fixar a nossa atenção em estados anímicos especiais que, no fundo, acontecem somente quando a alma humana começa a aspirar, quando se desenvolve até as aspirações superiores. Nos damos conta disso ao examinarmos a natureza do sacrifício à partir da nossa

própria vida anímica. Ao tratar de compreender a sabedoria que o ser humano adquire gota a gota, à partir do que denominaremos a disposição de dar, o estar disposto a entregar a si mesmo. Desse modo nos aproximamos de condições mais terrenas que se desenvolveram desde estados anteriores e nos encontramos com uma disposição de ânimo em certo aspecto similar à que o ser humano experimenta ainda hoje. Mas não se deve esquecer que toda a nossa vida anímica, enquanto a nossa alma está inserida em um corpo terreno, constitui uma capa superior sobre uma vida anímica que transcorre embaixo nas profundidades. Quem, por acaso, ignora a existência de semelhante vida anímica oculta? A própria vida ensina suficientemente que ela existe.

Para esclarecer um pouco mais essa vida anímica oculta, suponhamos que uma criança, por volta dos sete a oito anos de idade, tenha sofrido isso ou aquilo; por exemplo, que tenha sofrido uma injustiça – em relação à qual as crianças são muito freqüentemente extremamente susceptíveis – como a de ter sido acusada de algo que, em realidade, não cometeu. Digamos que tenha sido a comodidade do ambiente da criança desejosa para finalizar a questão de alguma maneira, que acusou a criança. As crianças possuem uma sensibilidade especialmente aguda para qualquer injustiça que se cometa contra elas. Mas logo depois que esta experiência tenha calado fundo na alma infantil, a vida posterior se encarrega de cobri-la com as demais capas da existência anímica e, no que se refere à vida cotidiana, a criança se esquece do assunto que, talvez, não surja nunca mais! Agora, suponhamos que aos quinze ou dezesseis anos a criança sofra outra injustiça, por exemplo, no colégio. Começa então a ativar-se o que jazia nas profundezas agitadas da alma. A criança nem sequer precisa saber. Formará idéias e conceitos totalmente distintos sem saber que se trata de uma reminiscência de algo vivido anteriormente. Sem aquele precedente a criança – suponhamos que seja um menino – iria para sua casa, choraria um pouco e talvez, xingasse um pouco, mas não deixaria de superar o problema. Mas o fato anterior ocorreu – coloco ênfase no fato de que a criança não precisa ter conhecimento dele – e isso atua sob a superfície da vida anímica tal como as ondas podem se agitar sobre o espelho, aparentemente liso, do mar. O que de outra maneira teria terminado, talvez, em um pranto, uma queixa ou um xingamento, desemboca agora no suicídio de um aluno! É desse modo que se projetam para cima as profundezas ocultas da vida anímica. A força mais importante que reina embaixo de cada alma, que emerge de vez em quando em sua forma arquetípica e que, surge com mais vigor quando o ser humano não toma consciência dela, é o anseio. São conhecidos os nomes que tem essa força para o mundo exterior. Mas não deixam de ser denominações indefinidas, metafóricas, porque são expressões de relações complicadas que, em absoluto, não chegam à consciência.

Recordem um fenômeno sobejamente conhecido por todos – talvez menos pelas pessoas da cidade mas, mesmo esses, o conhecem pela experiência dos outros –, um fenômeno denominado "saudade". Se vocês tentarem averiguar o que é, em realidade, a saudade, perceberão que varia de um ser humano para outro. Ora é assim, ora é de outro modo. Alguém anseia nostálgicamente pelas histórias e casos contados na intimidade da casa paterna. Ele não sabe que tem saudades da casa, o que vive nele é um impulso indefinido, um querer indefinido. Outro anseia pelas suas montanhas ou

pelo rio com suas ondas, em cujas margens brincava. O ser humano tem freqüentemente pouca consciência do que, realmente, atua na alma. Mas, unimos todas essas características sob o termo de saudade, expressando com isso algo que se manifesta de mil maneiras distintas e que, contudo, se descreve da forma mais acertada como uma espécie de anseio. De um caráter muito mais indefinido são os anseios que, talvez, sejam os mais martirizantes na vida. O ser humano não é consciente do que seja o anseio, no entanto, se trata disso. Mas o que é o anseio? Inicialmente dizemos; é uma espécie de impulso volitivo. Onde quer que observemos anseio nos damos conta de que é uma espécie de vontade. Mas que tipo de vontade? É um impulso volitivo que, como tal, não pode ser satisfeito, pois satisfazendo-o cessa o anseio. Um impulso da vontade que não tem possibilidade de caracterizar-se é o que denominamos aqui de anseio.

Uma disposição de ânimo dessa natureza é a que temos de supor no caso das entidades cujo sacrifício foi recusado. O que percebemos como anseio nas profundezas de nossa vida anímica é uma herança daqueles tempos remotos dos quais estamos falando agora. Diversos legados nos chegaram das antigas fases da evolução e, a etapa de que tratamos aqui nos chegou de múltiplas classes de anseios que existem no fundo da alma, das múltiplas classes de impulsos volitivos retidos, impossíveis de serem apaziguados. Assim resulta também que, por causa do sacrifício rechaçado criaram-se, durante aquele período evolutivo certos seres que podemos denominar de seres da vontade retida. A necessidade de reter dentro de si os impulsos de vontade os coloca em uma situação muito especial. Já que é praticamente impossível que os pensamentos cheguem a esses estados, temos que recorrer novamente à experiências anímicas próprias para poder perceber essas coisas.

O ser capaz de sacrificar sua vontade se funde, de certa forma, com o outro. Na vida humana também temos a possibilidade de sentir como vivemos e existimos dentro de um ser, de nos sentirmos satisfeitos e felizes por estarmos frente àquele pelo qual fazemos certos sacrifícios, para quem nosso sacrifício está destinado. Posto que aqui falamos do ato de sacrifício oferecido a seres superiores, seres mais abrangentes, universais, para os quais elevar o olhar é uma bem-aventurança suprema daqueles que oferendam. É indubitável que o anseio de vontade que fica retido jamais pode ser idêntico como disposição anímica, como conteúdo anímico ao que teriam experimentado no caso de poderem sacrificar. Pois, se houvessem tido a oportunidade de consumir o sacrifício, este estaria com os outros seres. Valha-nos a seguinte comparação: se os seres da Terra e dos outros planetas pudessem entregar seu sacrifício ao Sol, estariam com o Sol. Sem a oportunidade de ofertá-lo ao Sol, tendo de reter o que, ao contrário, sacrificariam, então, estão consigo mesmo, reprimidos dentro de si mesmos.

Ao compreender, realmente, o que se acaba de resumir em uma palavra, notamos algo se introduzir no Universo. Percebam que não há outra forma de expressá-lo que qual: os seres que sacrificam para outro ser, o qual vive dentro de todos eles. Esses seres, que estariam entregues a algo universal, ante a não aceitação de seu sacrifício não podem fazer outra coisa senão levá-lo dentro de si mesmos. Vocês percebem que aqui penetra algo que se chama eguidade. Algo que, mais adiante, tomará todas as formas de egoísmo. Esta é a perspectiva à partir da qual deve-se sentir o que, uma

vez vertido dentro da evolução, vive posteriormente nos seres como algo herdado. Com o anseio se liga a chispa de egoísmo, inicialmente em sua forma mais débil, introduzindo-se sigilosamente na evolução universal. É assim que os seres, entregues aos anseios, ou seja, entregues a si mesmos, à sua egoidade, são condenados, de certa forma, à unilateralidade, à mera vida dentro de si mesmos se não tivesse acontecido outra coisa.

Imaginemos a um ser ao qual seja permitido sacrificar: esse vive no outro ser. Viverá no outro para sempre. Um ser que não tem a possibilidade de sacrificar viverá unicamente dentro de si mesmo. Portanto, se acha excluído do que teria vivido no outro. Nesse caso, nos seres superiores. Excluídos da evolução estariam os respectivos seres já que, nesse momento, estão condenados e relegados à unilateralidade. Se não aparecesse nada, se não irrompesse no curso evolutivo, algo que quer remover a unilateralidade. Aparecem seres novos que detêm o processo de condenação e confinamento à unilateralidade. Assim como os Seres da Vontade no Antigo Saturno, os da Sabedoria no Antigo Sol, fazem sua aparição na Antiga Lua, os Espíritos do Movimento – movimento, não no sentido espacial, mas sim, da natureza de um pensamento. É conhecida a expressão "transcurso do pensamento" – NT em alemão = movimento dos pensamentos – mesmo que essa se refira apenas ao transcorrer, ao fluir dos próprios pensamentos, mas, pode-se perceber a necessidade de recorrer a outra coisa se queremos formar uma idéia mais abrangente de movimento. De recorrer a algo além do simples movimento no espaço que constitui tão somente uma classe específica do movimento total. Quando muitos homens se acham entregues a um ser superior ele se manifesta, de certos modo, em todos eles porque recebe sacrifícios de cada um deles, então, os muitos vivem e estão apaziguados no um. Mas, se seus sacrifícios são rechaçados, os muitos vivem dentro de si mesmos, sem poder encontrar satisfação. É quando aparecem os Espíritos do Movimento e, de uma certa maneira, conduzem até às demais entidades aqueles seres que, de outro modo, teriam unicamente a si mesmos relacionando-os com os demais. Inicialmente, os Espíritos do Movimento não se limitam a promover as mudanças de lugar, mas eles também criam algo que faz com que um ser estabeleça relações sempre novas com outros seres.

Obtemos uma idéia do que se alcançou agora, nesse nível de evolução cósmica, fixando-nos novamente em uma disposição de ânimo análoga. Quem ignora o anseio, quando perdura, quando persiste sem sofrer nenhuma mudança? Quem ignora o martirizante de sua natureza e sua maneira de proscrever o homem a um estado cada vez mais intolerável, o qual, no caso de pessoas chatas, se transforma logo em "aborrecimento" (tédio)? Mas, o tédio que geralmente é privativo das pessoas chatas, conhece toda uma gama de graus intermediários até os níveis que caracterizam as almas grandes e nobres. Sua própria natureza exterioriza como anseio o que vive nelas e que não pode encontrar satisfação no mundo exterior. O que é mais capaz de apaziguar o anseio senão a variação? Prova disso é que os seres que sentem o anseio tratam de relacionar-se com entidades sempre distintas. Frequentemente o tormento do anseio é superado quando se estabelece continuamente novas relações com outras entidades.

É desse modo que durante a fase lunar da Terra, os Espíritos do Movimento introduzem a variação, o movimento, a relação sempre com novas entidades ou sempre novos estados na vida dos seres ansiosos que, do contrário, ficariam desolados e o té-

dio é também uma espécie de desolação. O movimento espacial, o movimento do lugar é apenas uma classe específica desse movimento mais abrangente do qual acabamos de falar. Há um movimento quando somos capazes de ter, pela manhã, um determinado conteúdo de idéias na alma e sem a necessidade de permanecermos com esse, podemos passar a outra coisa. Superamos assim, a unilateralidade no anseio, substituindo-a pela diversidade, pela variação e o movimento vívido. Fora, no espaço, não se trata de outra coisa que um tipo específico dessa variação.

Dentro desse contexto, representemo-nos um planeta frente a um sol. Se o planeta permanecesse imóvel, sempre na mesma posição frente ao sol, então, permaneceria em um estado de unilateralidade que se deve exclusivamente ao fato de voltar sempre o mesmo lado para o sol. É quando aparecem os Espíritos do Movimento e, com a intenção de produzir uma mudança em seu estado, guiam o planeta ao redor do sol. A mudança de lugar não é senão um tipo determinado de variação genérica. Com a mudança de lugar, os Espíritos do Movimento introduzem no Cosmos tão somente uma variante específica do movimento em geral.

Mas, ao movimento e a variação introduzidos pelos Espíritos do Movimento no Universo tal como o conhecemos até esse momento deve somar-se ainda outra coisa. Vimos que neste vir a ser, em toda essa diversidade que compreende a evolução dos Espíritos do Movimento, dos Espíritos da Personalidade, dos Espíritos da Sabedoria, da Vontade e assim sucessivamente, vive também o substancial que é a "virtude doadora", o fluir do irradiado como sabedoria que, como elemento espiritual subjaze ao ar, à corrente de gaz. Unindo-se com a vontade transformada em anseio converte-se, no interior daquelas entidades, no fenômeno que o ser humano já conhece, ainda não como pensamento, mas sim como imagem. O que mais se lhe assemelha é a imagem que surge no homem quando ele está sonhando. A imagem efêmera e fluida do sonho nos transmite uma idéia do que acontece quando um ser no qual vive a vontade como anseio é relacionado com outros seres pela ação dos Espíritos do Movimento. Ao ser conduzido para outro ser a própria eguidade que vive nele impede-lhe de entregar-se inteiramente. Mas ele pode acolher a imagem efêmera do outro que ganha vida dentro dele como uma visão de sonho. Eis aqui as imagens que emergem e fluem na alma, quer dizer, a origem da consciência imaginativa que foi se formando no curso desta etapa evolutiva. Nessa fase de nossa evolução, nós, os seres humanos, ainda não possuíamos nossa atual consciência terrestre do Eu e, conseqüentemente, nada do que conseguimos agora por meio do nosso Eu. Vivíamos e existíamos no Universo como algo que reside dentro de nós e do qual, hoje em dia, somente fazemos uma idéia se conhecemos o anseio.

Deixando de lado os estados de padecimento como os que ocorrem na Terra, possivelmente chegaremos a conclusão de que esses não poderiam ser de outro modo que, como dizem as palavras do poeta: *"Tão somente quem conhece o anseio, sabe o que sofre"*. Naquela época introduziram-se, de certa maneira, dor e sofrimento – naturalmente, em sua forma anímica – em nossas entidades e nas de outros seres relacionados com nossa evolução. É a atividade dos Espíritos do Movimento que preenche, com o bálsamo das imagens, o interior daquelas entidades que sofrem o anseio e que, do contrário, ficariam vazias. Se não fosse assim a alma dessas entidades estaria vazia. Vazia de tudo o que não fosse anseio. Mas agora, verte-se nelas o bálsamo das

imagens que preenche de diversidade e desolação o vazio, salvando assim esses seres de sua existência de confinamento e condenação.

Se tomarmos essas palavras seriamente, compreenderemos ao mesmo tempo o fundo espiritual do que se desenvolveu durante a etapa lunar de nossa Terra e que agora, ao sobrepor-se a fase terrestre de nosso ser, desceu ao mais profundo de nosso subconsciente. Como se mostrará, de uma forma popular, na conferência pública de depois de amanhã, isso segue atuando nas profundezas de nossa alma, assim como os redemoinhos do fundo do mar originam as ondas que se agitam na superfície. Atua ali sem que saibamos, as causas daquilo que aparece em nossa consciência. Sob a superfície de nossa consciência do Eu comum se desenvolve uma vida anímica de semelhante natureza que emerge, de vez em quando. Quando surge, o que diz ao homem? Levando em conta o fundo cósmico dessa vida subconsciente podemos dizer: a vida anímica que sobe desde as profundezas da lama é a exteriorização de algo pertencente à fase lunar de nossa evolução que se introduziu no que foi se formando dentro de nós, durante a etapa terrestre propriamente dita. Observando a interação de nossa natureza lunar terrena, compreendemos a verdadeira causa que impulsionou a passagem da Antiga Lua para a existência terrestre.

Considerando que, de acordo com nossa descrição era necessário que, continuamente, surgissem imagens que apaziguassem um vazio, vocês verão como surge uma idéia de grande peso e significado: a idéia da alma humana ansiosa em seu vazio atormentado, pleno de ansiedade. A alma humana, cujo anseio é apaziguado ou harmonizado pela sucessão de imagens que, por sua vez, tão somente podem surgir no lugar de outras imagens. Quando essas imagens permanecem um instante assoma, desde as profundezas, outra vez o anseio que é levado pelos Espíritos do Movimento para novas imagens. Essas imagens, existem por um certo momento e logo volta o anseio, exigindo novas imagens. Ante uma vida anímica dessa natureza deve-se dizer algo muito significativo: quando o anseio é apaziguado tão somente por meio de imagens que perseguem outras imagens, é o infinito que flui e, flui sem fim. A única coisa que pode ocorrer aí e é preciso que ocorra, é que as imagens que fluem até o infinito sejam substituídas por algo capaz de redimir o anseio. Não mediante imagens, senão mediante realidades. Em outras palavras: a incorporação planetária de nossa Terra, que corresponde à etapa em que as imagens são trazidas pela atividade dos Espíritos do Movimento são o meio para apaziguar o anseio, deverá distinguir-se daquele outro período planetário da Terra que certamente denominaremos a fase de redenção. Veremos, todavia, que a Terra deve ser chamada de "O Planeta da Redenção", enquanto que sua incorporação planetária anterior, a existência lunar, é o "Planeta do Anseio". Um anseio, que embora susceptível de ser satisfeito desemboca num infinito sem nenhum fim. Durante essa vida, enquanto vivemos com nossa consciência terrena que, com sabemos, é a que nos traz a salvação por meio do Mistério do Gólgota, emerge desde as profundezas a alma aquilo que continuamente clama por redenção. É com se em cima se movesse as ondas da consciência comum e, em baixo, muito fundo no mar da vida anímica, se encontrasse o fundo de nossa alma. Alma que se manifesta como anseio, como algo que, consumado o sacrifício, quer subir sempre para aquele ser universal que, de uma vez, apazigua o anseio e outorga satisfação. Não em uma interminável sucessão de imagens, mas sim, de uma só vez.

O homem da Terra já sente esses estados anímicos e são, precisamente os melhores, quando passam por esse sentimento. No fundo, os seres humanos que em nosso tempo e em total concordância com a nossa época especial sentem o anseio, são os que se aproximam de nosso movimento científico-espiritual. Na vida exterior os homens adquirem conhecimentos que em todos os seus detalhes satisfazem suas consciências comuns. Mas, desde o subconsciente, emerge o que, quanto aos detalhes, jamais pode ser satisfeito. O que anseia pelo sentido central da vida. Somente uma ciência universal que não se ocupa exclusivamente dos detalhes, pode dar-nos esse sentido central. De acordo com as características de nosso tempo tem que responder ao que se move nas profundezas da alma e que quer ser trazido à consciência, à reflexão sobre a existência universal que vive no mundo. Não sendo assim, emerge do fundo da alma aquilo que anseia o que jamais alcançará.

Nesse sentido a ciência espiritual responde aos anseios que vivem nas profundezas da alma. Já que tudo o que acontece posteriormente no mundo tem seus precedentes, não nos seria estranho que um ser humano fosse devorado por forças anímicas, inicialmente, fora do alcance de sua consciência que se manifestasse como anseio, enquanto que, se vivesse atualmente, trataria de apaziguar o poder de seu anseio por meio da ciência espiritual. Como ele viveu em uma época anterior em que não existia a sabedoria espiritual e, portanto, não houve a possibilidade que ele a tivesse, é como se desesperasse por ela, como se sofresse uma ânsia perpétua por ela sem poder compreender a vida justamente porque era um espírito eminente. Atualmente existe algo que, uma vez vertido em sua alma, teria apaziguado o anseio de imagens que só servem para recobrir a desolação. Ao contrário, ele ansiava que essas cessassem por completo e, quanto mais ansiava, tanto mais poderosa e veloz se tornava a sucessão de imagens. De acordo com o que acabamos de dizer, não nos parecerá a voz desse ser humano como a manifestação de um espírito que vive em uma época, ainda carente de sabedoria espiritual que se verte como um bálsamo na alma ansiosa, especialmente quando escutamos o que ele escreve a um outro?

*"Quem nesse mundo quisera ser feliz? Quase diria: que vergonha que queiras sê-lo! Oh! Homem nobre, quão estreito de visão deves ser, para aspirar a algo aqui onde tudo termina com a morte. Nos encontramos, nos amamos por três primaveras e, por uma eternidade, voltamos a nos distanciar um do outro! O que é digno de aspiração senão o amor? Ah! Deve haver ainda outra coisa que o amor. Felicidade, glória, x, y e z. Algo com o qual, nossas almas nem sequer sonham! Não pode ser mau o espírito que está a frente do mundo é, apenas, incompreendido! Acaso não sorrimos quando as crianças choram? Pensa pois, essa perpétua duração! Miríades de períodos de tempo, cada qual uma vida e, para cada qual, um mundo como esse. Como se chamará a estrelinha que aparece sobre Sírio, quando o céu está limpo? E todo o vasto firmamento, tão somente uma partícula de pó frente ao infinito! Oh! Rühle, diga-me; é um sonho? Quando, à noite, estamos deitados de costas e vislumbramos, entre duas folhas de tília, uma perspectiva de uma riqueza maior do que os pensamentos podem abranger e as palavras expressar. Vem. Façamos algo de bom e morramos! Uma das milhões de mortes que já morremos. É como se passássemos de um quarto para o outro. Olha, o mundo me parece como que encaixado; o pequeno é similar ao grande!"* De uma carta de Heirinch Von Kleist no ano de 1806.

É assim que o anseio que ele foi capaz de expressar com semelhantes palavras, impulsiona esse espírito a escrever a um amigo, um espírito que não teve ainda a possibilidade de apaziguar o seu anseio mediante conteúdos que estão ao alcance do homem moderno, se este se aproxima com entendimento enérgico à ciência espiritual. Nos referimos àquele espírito que, fazem exatamente cem anos, pôs fim à sua vida matando primeiro sua amiga Henriett Voguel e depois a si mesmo jazendo em uma tumba solitária às margens do Wannsee que, há cem anos, se fechou sobre seu envoltório.

É uma notável coincidência – gostaria de dizer do Karma – termos falado da disposição de ânimo que é a que melhor caracteriza aquilo que resulta da interação dos sacrifícios de vontade retidos no anseio – do apaziguamento desse anseio – que pode vir unicamente dos Espíritos do Movimento e da ânsia de uma satisfação definitiva, possível apenas no Planeta da Redenção. É uma notável coincidência kármica que, seguindo nosso programa normal, tenhamos falado sobre esse tema justamente no dia que nos traz a recordação de um espírito que foi capaz de expressar esse anseio indefinido com palavras as mais sublimes, convertendo finalmente na ação mais trágica. Na mais trágica exteriorização do anseio que pode existir. É como não perceber que esse espírito em seu ser íntegro – tal como está diante de nós – não é senão a incorporação vivente do que atua no fundo da alma e cuja origem achamos no passado? Num passado ainda mais além da existência terrestre se é que queremos reconhecê-lo? Não foi Heinrich Von Kleist quem descreveu da maneira mais significativa o que pode viver num ser humano e o que, também, aparece nas primeiras páginas do *"A condução espiritual do Homem e da Humanidade"* quando fala daquilo que vai além do próprio homem, que impulsiona e que este poderá reconhecer somente mais tarde a não ser que antes tenha posto fim à sua vida?

Recordemos sua *"Penthesilea"*: quanto mais há em Penthesilea do que ela mesma chega a entender com sua consciência terrena! Impossível compreendê-la em toda a sua peculiaridade se não admitíssemos que sua alma é indefinidamente mais ampla do que aquela pequena alma limitada – por grande que seja – que ela abrange com sua consciência terrestre. Daí surge a necessidade de uma situação que introduza o subconsciente artificialmente no drama. Todo o processo de como Kleist a faz chegar até Aquiles, deve estar inteiramente fora do alcance da consciência comum. Do contrário, não seria possível que vivêssemos o trágico da obra. Penthesilea é conduzida ante Aquiles como prisioneira mas ela, enganada, crê que ele é seu prisioneiro. Por essa razão ele é "seu" Aquiles. O que vive na consciência superior deve submergir no não consciente.

Que papel singular desempenha o subconsciente numa ação como a de "Catarina de Heilbronn" especialmente na relação tão particular entre Catarina e o Conde Wetter von Strahl! Esta não se desenvolve na consciência desperta, mas sim nas regiões mais profundas da alma, onde reinam forças ignoradas pelo ser humano, que passam de um para outro. Compreendendo-o, percebemos e espiritual que reside nas forças comuns de gravitação e atração do mundo. Vocês sentem como o imanente às forças do universo domina, por exemplo, a cena em que Catarina está frente a seu adorador? Aí se manifesta o que vive no subconsciente e que por sua vez é aparentado

com o existente fora do universo e que a ciência qualificou tão seca e sobriamente de "força de atração dos planetas". Mas. Há cem anos atrás, sem sequer para um espírito penetrante isso constitui uma necessidade

É por isso que na atualidade o trágico de um "Príncipe de Homburg", se nos parece de um modo totalmente diferente. Gostaria de saber como as mentes abstratas, que derivam as ações humanas inteiramente do intelecto, explicam uma figura como a do Príncipe de Homburg, que realiza todas as suas proezas, mergulhado em uma espécie de sonho, que inclusive finalmente lhe traz a vitória. Kleist faz constar claramente que, com sua consciência desperta, ele não poderia tê-la conquistado e que, a julgar por sua consciência desperta, nem sequer é um homem particularmente grande, pois mais adiante, choraminga diante da morte. Somente recobra seu valor, quando um impulso especial de sua vontade faz surgir o que vive nas profundezas de sua alma.

O que o ser humano possui como herança de sua consciência lunar, é algo que a ciência abstrata não deve trazer à superfície, ao contrário, é absolutamente necessário que emerga graças aos conceitos multiformes sutis, trazidos pela ciência espiritual, conceitos que apreendem as coisas espirituais com universal flexibilidade O maior se liga com o mediano e com o habitual.

Reconhecemos assim que a ciência espiritual ensina de que maneira os estados anímicos que experimentamos atualmente, foram se formando no cosmos, no universo. Ao mesmo tempo, reconhecemos que somente as experiências de nossa própria alma podem nos transmitir uma idéia do que espiritualmente subjaz às coisas, Compreendemos também a necessidade de que nosso tempo chegasse, para satisfazer o que ansiaram os homens em épocas anteriores, e quanto eles ansiaram o que somente nosso tempo pode dar. E ante semelhantes seres humanos que, no passado, se encontravam perdidos frente aos anseios de seu coração que o mundo não podia apaziguar, constitui, de alguma maneira, um ato de veneração recordar que toda vida humana forma um todo, e que o homem de hoje tem a oportunidade de dedicar sua vida àqueles movimentos espirituais que os seres humanos, tal como demonstram seus destinos, já necessitava há muito tempo.

Assim podemos, de certa forma, assinalar a ciência espiritual como a portadora da redenção do anseio humano, justamente no centenário da morte trágica de um dos homens mais aspirantes, em um dia que nos recorda que, desde muito tempo, os conteúdos da ciência espiritual tem sido reclamado pelos seres humanos, com veemência e igualmente com melancolia. Este é um pensamento válido e, talvez, também antroposófico, no centenário da morte de um dos maiores poetas alemães.